

26.512059
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 80

Col. 40

Os fitos da guerra dos Aliados e os das Potencias Centrais

PUBLICADA PELO

Burean da Imprensa Britanica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



Os fitos da guerra dos Aliados e os das Potencias Centrais

Do «Times» de 11 de janeiro

«Mr. Balfour, Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, discursou hontem em Edinburgo sobre os fitos de guerra dos Aliados e os das Potencias Centrais. Mr. Balfour, o qual foi alvo duma ovação imponente, disse: — O vosso Presidente referiu-se numa linguagem que não esquecerei facilmente, á intelligencia — intelligencia completa e simpatica — que liga estreitamente num esforço comum e numa grande causa comum, as duas grandes regiões da terra onde se fala a lingua ingleza. Os acontecimentos destes ultimos dias teem provado, e teem provado concludentemente, quão estreito é esse acordo, quão perfeita é essa simpatia, quão admiravel é essa intelligencia. Ha poucos dias ouviu-se da boca do Primeiro Ministro — o qual falou em primeiro logar em nome do Governo e em segundo logar, quero crer e creio, em nome da nação (*Aplausos*) uma declaração dos fitos de guerra dos Aliados; e quasi simultaneamente veio esse grande discurso do Presidente dos Estados Unidos que todos nós tivemos o prazer de ler nos jornais de ontem.

Foi só ultimamente que os Estados Unidos tomaram amplamente o seu logar de direito na comunidade politica das nações occidentais. Ha muitas gerações que eles estão entregues á tarefa de desenvolver o seu magnifico paiz, elaborando sobre bases antigas o novo edificio de liberdade. Porém estavam persuadidos que poderiam melhor levar a efeito essa obra sem intervirem directamente, sem tomarem um interesse immediato nas velhas controversias que teem dividido as nações de além Atlantico. Sob a presidencia de Mr. Wilson, obedecendo á voz imperiosa do dever publico, tomaram agora, pela primeira vez na sua historia, parte na grande luta da civilisação contra o barbarismo, da liberdade contra a tirania; não me parece que esta colaboração, esta nova politica de cooperação com outras nações na grande obra — na qual teem trabalhado sem duvida já pelo passado no seu proprio meio, — que esta nova cooperação na grande obra da humanidade, pudessem expôr-se em frases mais elevadas, numa linguagem mais grandiosa do que assumiu na fala publica de Mr. Wilson, a ultima das quais lemos ontem — ia dizer, a maior, porém direi, uma das maiores que tem dado. Nunca uma grande nação viu a sua causa exprimida com mais clareza, mais eloquencia e mais largueza do que neste discurso; se o espirito que tem animado, desde que começou a guerra, as suas declarações publicas, se pode tomar como chave da futura politica da America, podemos assegurar que no futuro serão os guardiões de to-

das as grandes causas que estão actualmente na balança; temos nela uma das grandes, talvez a maior e a mais poderosa, das comunidades que o desenvolvimento moderno tem trazido para a frente para encaminhar os progressos da humanidade. (*Aplausos.*) Não contem uma palavra de interesse proprio, nem uma palavra de vaidade nacional; tudo está nas linhas mais generosas duma alta moralidade, dum verdadeiro amor á liberdade, duma bela simpatia com as lutas de todas as nações, grandes e pequenas. Eis a nota dominante de tudo quanto tem pronunciado o presidente Wilson; e sendo essa a nota dominante da politica americana não só agora mas nas gerações vindouras que se inspirarão nos acontecimentos actuais, direi que a data em que os Estados Unidos da America entraram nesta guerra é uma das mais importantes nos anais da humanidade. (*Aplausos.*)

Contudo devemos-nos lembrar que os dois grandes discursos a que me venho referindo — a declaração do Primeiro Ministro e a declaração do Presidente dos Estados Unidos — nada contem que não estivesse incluído implicitamente nas declarações destes mesmos estadistas e de outros (o ex-primeiro ministro e individuos com empregos importantes no paiz e nos Negocios Estrangeiros). Todos estes tem exposto ha um ano para cá os fitos de guerra deste paiz, e, alguns pontos que pareciam dvidosos foram esclarecidos. Quem examinar estes documentos historicos não poderá de for-

ma alguma sugerir que tenha sofrido uma modificação pronunciada o espirito que tem animado a Gran Bretanha e os seus Aliados durante estes longos anos duma guerra ardua.

Não entramos nesta guerra com fitos egoistas; não continuamos na guerra com fitos egoistas; não tencionamos levar a guerra até ao fim com fitos egoistas. (*Aplausos.*)

Lamento ter de acrescentar que, sendo verdade, e estou persuadido que o é, que nenhuma modificação essencial se tem produzido nos fitos de guerra dos Aliados, pouco melhoramento vejo na attitude que conserva a Alemanha e os seus satelites. Num respeito, porém só num, vejo uma leve alteração. As Potencias Centrais que foram convidadas primeiro pelo Presidente Wilson no periodo quando os Estados Unidos eram potencia neutral, depois pelo Papa e em seguida pelos estadistas das potencias da Entente, a declararem os seus fitos de guerra, tem-se sempre recusado a aceitar o convite. O mais que tem feito nesse sentido, se bem me recordo, é admitir que poderia ser um bem para a humanidade que se fizessem combinações depois da guerra para se evitar guerras futuras. A meu ver esta declaração não traz o cunho da sinceridade, porém em todos os casos fizeram-na e esse facto indica algum melhoramento no seu tom moral. Pois lembrar-vos-heis, que antes da experiencia lhes fazer compreender o que valeria para elas a guerra — e muito tem compreendido nestes ultimos anos, e talvez compreendam mais nestes proximos

mezes (*Vivas*), antes de aprenderem essa difficil lição, era para o filosofo politico alemão quasi um logar comum afirmar que a guerra fazia parte das disposições terrestres predeterminadas por Deus. Que era o grande instrumento do progresso; que o triunfo do forte sobre o fraco era o unico método pelo qual se podia assegurar o verdadeiro progresso e que a vitoria na guerra era a verdadeira medida do merito,—doutrinas, segundo o meu criterio, horriveis e profonas (*Vivas*), as quaes, contudo, os filosofos e os estadistas não tinham pejo de confessar em teoria e as quaes—faça-se-lhes essa justiça—na pratica tem levado a effeito.

Ora, o facto que um politico alemão preste serviço, ainda que seja só de boca, á causa da paz, á causa da arbitragem internacional e de combinações internacionais para impedir futuras calamidades—isso, devemos concordar, indica um pequeno progresso espirital. Afago a esperança que no largo campo em que ainda não apparece melhoramento, se façam progressos a outros respeitos e concernentes outros assuntos. Do meu estudo das declarações da Alemanha não vejo até hoje que tenham dado o primeiro passo para comprehenderem o horror moral que o seu procedimento tem inspirado até mesmo nos estudantes os mais recalcitrantes dos métodos e dos fitos alemães.

Se falo na Belgica não é para repetir aquella série de horrores que começou quando a Alemanha invadiu o paiz que por tratados tinha

obrigação de proteger, e que tem continuado sem interrupção até ao momento presente e que continuará até que a Alemanha seja expulsa do territorio belga. Essa historia não a vou repetir, porém uma coisa vou dizer com respeito á Belgica por ser característica dos métodos alemães e da moralidade alemã. Como sabeis, tem-se empregado meios de fazer falar os outros das possíveis condições de paz. Uma das condições de paz de que se fala e que os alemães, pela sua parte, rejeitam absolutamente e sem hesitar, é a que pede que a Alemanha tenha de reconstituir o paiz que, desprezando toda a moralidade internacional, arruinou por completo. Peço-vos que façais na imaginação um quadro do que a Alemanha tem feito á Belgica e como ela propõe deixá-la, se é que a deixar depois da guerra. Como sabeis, ha uma escola de estadistas alemães que dizem que seria uma loucura criminosa por parte da Alemanha o abandonar a Belgica. O almirante von Tirpitz, que até ultimamente foi um dos ministros de maior confiança do Kaiser e chefe do almirantado alemão, o inventor da guerra submarina, homem de autoridade que representa uma grande secção da opinião publica alemã, — esse homem, se bem me recordo, annunciou que seria um erro fatal se a Alemanha abandonasse Antuerpia, se abandonasse a costa da Belgica no Mar do Norte, e creio mesmo que num momento de maior extravagancia indicou até que, se a Alemanha ganhasse nesta guerra tudo quanto ela deve ganhar, pertence-lhe não só

Ostende e Zeebrugge mas tambem Calais e Boulogne.

Isto representa, é claro, a escola extrema da Alemanha, ou uma das escolas extremas, que não é necessariamente fraca por ser extrema. Porém, pondo estas de lado e tomando em conta os elementos mais razoaveis da vida publica alemã, que reconhecem que será preciso entregar a Belgica, até estes, os homens razoaveis e moderados, teem como principio absoluto que se não deve pedir á Alemanha que restaure a Belgica da condição em que a Alemanha a poz para o estado em que a Alemanha a achou. Ora em que estado a deixaria a Alemanha? A Belgica é um pequeno paiz industrial com uma população densa. Os seus habitantes dependem pela maior parte muito principalmente das fabricas, do maquinismo, das industrias creadas vagarosa e eficazmente e que teem grangeado a admiração de todos os outros paizes industriais do mundo. A Alemanha privou a Belgica em absoluto de todas as suas materias primas e de todo o seu maquinismo. Se lhe tem respeitado as minas é só a bem dos seus proprios fitos; se as forças alemãs saíssem amanhã da Belgica deixariam uma população exausta e faminta. E contudo julgam, aparentemente, que seria manchar a honra da Alemanha procurar desfazer o mal nefando que sem escrupulo e deliberadamente inflingiu. Não são ultrages feitos por uma soldadesca indisciplinada: são feridas inflingidas pesadamente numa nação inocente. A Belgica nada fez contra a Alemanha. A Alemanha esta-

va ligada á Belgica pela honra. Os seus estadistas mais importantes reconheceram as suas obrigações e não obstante, essas obrigações (sabemo-lo bem de mais) foram rotas e dadas ao vento.

A desculpa dada é a desculpa da «necessidade militar» — desculpa ôca, vaga, futil. Porém aceitemos, como ponto de discussão e só nesse sentido, essa desculpa. Não era de esperar que uma nação que tivesse um vislumbre de generosidade, que admitisse a valia das obrigações internacionais, que reconhecesse o ter faltado ás leis da honra, dissesse: «Tivemos de o fazer; era impossivel deixar de o fazer. Porém uma vez satisfeita essa necessidade imediata e imperiosa, faremos tudo quanto está ao nosso alcance para reparar os estragos feitos e o infortunio inflingido por nós em face do que sabiamos ser a letra das nossas obrigações e que tem, confessamo-lo, causado a desgraça dos nossos vizinhos inocentes.» (*Vivas.*) A Alemanha, segundo parece, tem uma idéa bem diferente da honra, tem um tipo de deveres generosos estranho para nós; perante o mundo ela anunciou que seria ultrajar a sua dignidade pedir-lhe que reparasse a ruina horrivel e desnecessaria que durante tres anos, e sem remorsos, não tem cessado de espalhar nesse infeliz paiz. Parece-me que os criticos da Alemanha não tem estudado a fundo esse ponto de vista, a menos que, como pode muito bem ser, os criticos da Alemanha chegaram ha muito á conclusão que um apelo para a moralidade supe-

rior, para os sentimentos mais nobres que animam os outros ramos da raça humana, seria perfeitamente inutil feito a esses estudantes de *Realpolitik*.

A simples declaração dos nossos fitos de guerra indica pelo contraste quais são os fitos de guerra dos nossos inimigos. Todos a um desejam a paz. Neutrais e beligerantes todos suspiram pela paz. O mundo anseia pela paz. O que obsta então á paz? E' que os fitos de guerra dos contendores são, aparentemente, irreconciliaveis. Neste momento a mocidade alemã arrasta-se para a carnificina; a industria alemã está periclitando em todas as terras do mundo; as finanças alemãs soffrem embarços e as dividas alemãs amontoam-se. E sabemos que tudo isto se faz para impedir que o delicto cometido pela Alemanha em 1871 seja resgatado; que é para impedir que a Belgica retome a posição que occupava quando o seu protector natural violou a sua fronteira; é para impedir que a grande obra da unificação italiana atinja o seu fim; é para impedir que um outro grande delicto praticado, não em 1871 porém em 1772, por um antepassado do actual imperador da Alemanha, o grande delicto da repartição da Polonia, se recomponha; é para restituir ao turco a Mesopotamia e a Arabia; é para de novo submeter Jerusalem a Constantinopla; é para entregar a Grecia áqueles que a traíram; é para impedir que se dê remedio aos males da Romenia, da Servia, do Montenegro; é para impedir que os elementos nacionais das Poten-

cias Centrais, oprimidas ha tanto tempo pela idéa alemã de «Kultur», vivam como desejam, restauradas as suas tradições, e possam contribuir a seu modo para a civilisação geral da Europa. (*Aplausos.*)

Eis os propositos, segundo ella propria confessa, para conseguir os quaes a Alemanha está disposta a manter o estado de guerra mundial, de fazer correr o sangue como agua nas linhas do Occidente e do Sul, infringir aos neutrais sofrimentos nalguns respeitos iguaes aos que suportam os beligerantes e manter no mundo uma situação que provavelmente nenhum homem ponderado e conhecedor da historia jamais imaginasse possível que se consentisse na civilisação moderna. A Alemanha fazia crer aos seus povos, antes das declarações explicitas dadas pela Gran Bretanha e pela America, que combatiam para a defeza dos seus lares e da propria existencia da patria, ameaçada pelas ambições das Potencias Aliadas.

Não estará ainda liquidada essa falsidade uma vez para sempre? Se a palavra alguma coisa vale, se é possível comprehender uma declaração nitida, a descrição que acabo de fazer dos objectivos alemães deve inundar duma luz fulgente e manifesta o povo alemão que vai decerto reconhecer a verdade. Se elles se vêem obrigados a suportar mez após mez o martirio lento que lhes impõe a guerra, não é para um fim puramente alemão, nem para firmar a segurança do Estado da Alemanha, mas sim para satisfazer certas ambições que hostilizam as

esperanças mais prometedoras para as relações internacionais e para o desenvolvimento independente das nações no porvir.

Tendes portanto dois quadros — um apresentado pelo Presidente Wilson e pelo nosso Primeiro Ministro, e o outro, quadro de contraste, que podereis vós mesmos apresentar-vos pela imaginação. Está na mão de todos, em toda a parte do mundo, determinar qual desses quadros representa as melhores esperanças e as melhores perspectivas para a humanidade. Creio que, á excepção da Alemanha e da Turquia, o mundo já fez ha muito a sua escolha, porém é de toda a conveniencia que estas declarações se repitam para que o povo alemão na sua consciencia venha a reconhecer a verdade. Pode ser que algum critico, o qual no entanto não rejeita o raciocinio liberal que vos apresento, diga: «Esses objectivos pelos quais, segundo diz e diz bem, combatem os Aliados, são em si excellentes, porém será da nossa competencia combater a favor deles? Mandamos diariamente para a frente o que de melhor e de mais querido possuimos. (*Aplausos.*) Suportamos (por emquanto o que suportamos não é de grande importancia) e estamos prontos a suportar os maiores sacrificios para que esta guerra seja eficaz.» (*Aplausos.*) Este critico imaginario poderia acrescentar que isto se comprehenderia se estivessemos a defender as nossas fronteiras, os nossos dominios, as nossas colonias, se, numa palavra, houvesse uma relação directa, evidente, immediata entre os

objectivos pelos quais combatemos e os interesses da nossa patria. Perguntaria ainda: «Para que se ha de fazer uma cruzada para remediar males antigos, para beneficiar povos remotos cujos nomes os habitantes destas illhas mal conhecem?» A meu ver tal pergunta tem uma resposta simples e clara: Sendo o mundo o que é e existindo uma potencia como a Alemanha com os seus métodos, com as suas ambições, com a sua moralidade, não ha um só dos objectivos citados pelo Primeiro Ministro ou pelo presidente Wilson que se não relacione com os lares da Gran Bretanha ou com os ainda mais distantes da America. E' evidente que nos tocam, e de bem perto.

Não estamos empenhados numa aventura de cavalaria andante em que os paladinos, embora com ideais sublimes, partiam para terras longinquas á procura de injustiças a remediar e de belas damas a defender, emfim de todos os objectivos românticos que atrafiam a cavalaria medieval. Esta guerra é uma dura necessidade. Para a comprehender é preciso alguma imaginação sem duvida. Carecemos sair do proprio ambiente para enxergar os nossos interesses mais elevados. Os nossos mais elevados interesses morais e nacionais, as nossas mais elevadas aspirações, estão intimamente ligadas com a sorte de outros paizes cujas linguas não falamos, de cuja historia a maior parte dos que estão aqui presentes pouco ou nada sabem.

Como já disse, a verdade é que se comprehende — a lição tem levado tempo, porém pe-

netrou por fim no coração e na consciencia deste povo de modo que nunca mais poderá esquecer — que não podemos pensar só nas nossas proprias liberdades, nos nossos proprios progressos; porém que as nações civilisadas da actualidade estão de tal sorte ligadas entre si, os seus interesses comuns são de tal ordem que, a menos de exercerem alguma pressão sobre os membros desregrados e criminosos da comunidade mundial, o edificio da civilisação desmoronar-se-ha até aos alicerces. (*Aplausos.*)

Ha porém outro motivo em que queria tocar apesar de não ter ligação restrita com a orientação geral de idéas nestas ocasiões. Disse que, segundo o meu criterio, se deveria exercer pressão nos membros criminosos da comunidade das nações, se essa comunidade tem de viver em segurança. Não desejo discutir neste momento se uma Liga das Nações já atingiu o ponto de poder ser uma idéa prática. Estou pronto a reconhecer as enormes dificuldades que se opõem a essa politica construtiva que a tornaria um instrumento prático e eficaz. Reconheço as dificuldades, porém seria uma cobardia fugir-lhes; espero que o mundo estudará o grande problema e que o resolverá. (*Aplausos.*) Chego agora ao ponto importante: Se para dar ás relações internacionais uma base estavel e assegurar-lhe a propria existencia, quereis fundar uma Liga das Nações, é da primeira importancia que as relações internacionais sejam em si dignas do esforço

que a Liga terá de empregar para se tornar efectivo.

Recordar-vos-hei um facto que vos poderá parecer duma analogia bastante remota. Houve já pelo passado — passado não muito afastado — uma Liga das Nações. Chamava-se a Santa Aliança e deixou uma recordação infamante pelo egoismo dinastico e pela loucura racionalista de que se tornou culpada individual e colectivamente. Vejamos qual a razão apresentada pelos que a fundaram. Era bem simples. Diziam, falando é claro da grande guerra — isto é, o que ainda ha cinco anos se conhecia como a grande guerra, as guerras napoleonicas, as guerras da Revolução: — «Estas guerras que duravam vinte anos, que devastaram a Europa inteira, nasceram da Revolução. Os exercitos que as efectuaram eram os da Revolução, os generais comandantes destes exercitos, tendo á sua frente o maior de todos os tiranos modernos, o proprio Napoleão, eram todos filhos da Revolução.» Devastaram a Europa dum extremo ao outro, as tropas revolucionarias occuparam, cada uma por sua vez, todas as capitais á excepção de tres — Lisboa, Madrid, Roma, Viena, Moscovia, Berlin; não atingiram Petrogrado porque o inverno a protegia; não chegaram a Londres nem a Constantinopla porque a frota britanica protegia essas duas capitais. (*Grandes applausos.*) Porém nenhum outro paiz escapou á invasão desses exercitos revolucionarios. «Ora, diziam os estadistas da Santa Aliança, a revolução foi causa de todos os nossos males. Foi a

revolução que nos trouxe esta guerra intolerável sob a qual a Europa gemeu durante tantos anos. Faremos o possível para que não torne a haver nem revolução nem guerra.» Parece isto plausível. Porque falhou? Falhou pelo lado moral. Ao fazerem as combinações para impedir a guerra esqueceram-se que existem objectivos pelos quais é preciso combater, deve-se combater. (*Aplausos.*) Esqueceram-se da liberdade; odiavam a nacionalidade. Não é que se esquecessem desta, antes nunca a conheceram. O resultado foi que a Santa Aliança pereceu, que a revolução atacou a autocracia e fez-se em parte a distribuição do territorio europeu em obediencia ao sentimento da nacionalidade.

Porque será que vos importunei com esta pequena revista historica? Foi por este motivo, que se queremos ter uma Liga das Nações encarregada de proteger a estabilidade das relações internacionais será preciso apresentar-lhes uma distribuição de territorio que não ofenda de modo grosseiro a justiça e a liberdade. Se prevalecesse a paz alemã, ficariam pela Europa toda o que os medicos chamam centros de infecção, centros donde dimanam efeitos morbidos. Na França ficaria existente o grande mal da Alsace-Lorraine. Ficava sendo a Polonia uma comunidade mutilada, desmembrada. Ficaria por concluir a grande obra da unificação da Italia. Ficavam grandes regiões do Oriente sob o governo estrangeiro, esterilizador e muitas vezes brutal, da Turquia; ficará a Armenia como sacrificio indefeizo e a Grecia

será entregue aos que já a traíram; não se terá feito nada em auxílio das grandes populações slavas do sudoeste da Europa.

Existem individuos que julgam este resultado aceitavel—são poucos neste paiz, muito poucos nos Estados Ocidentais. Que tenham ou não razão, asseguro que era uma situação em que uma Liga das Nações não poderia operar com vantagens. (*Aplausos.*) E' impossivel reunir as Potencias mundiais, grandes e pequenas, e dizer-lhes: «E' da vossa obrigação impedir que as fronteiras sejam violadas, impedir que a intriga neste ou naquele paiz faça rebentar uma guerra internacional», a menos que, de antemão, se tenha conseguido que a estabilidade do sistema internacional seja uma estabilidade natural—isto é, baseada na moralidade, na justiça e na liberdade: uma estabilidade democratica. A tarefa da Liga das Nações seria superior á capacidade humana se a Europa tem de ficar na situação em que se achava antes da guerra—mesmo se a guerra terminasse com a paz alemã não ficará na situação *ante bellum*; ficará em muito peor situação. (*Aplausos.*) Ficará mais pobre, ficará com todas as paixões exacerbadas, ficará com a injustiça mais ou menos triunfante, ficará sem garantia contra a repetição da guerra, a não ser a garantia da propria prostração e do horror aos males que a guerra nos inflingiu.

Será então fóra do alcance da civilização encontrar uma base mais solida para a felicidade futura da humanidade do que a mera recordação dos horrores e crimes inerentes á guerra?

Não será possível atingirmos um nível mais elevado? Não poderemos esquecer a *Realpolitik* da Alemanha, o sistema brutal em que a força é não só o que vale, porém o que deve valer no governo do mundo?

Eis as notas e observações que ousou apresentar sobre os dois grandes documentos que nos chegaram nestes ultimos dias de Londres e de Washington. Não será digna de todos os esforços esta causa que defendo? (*Aplausos*) Quem ha que duvida dos sacrificios que já fizemos e que ainda teremos de fazer! Eu não! Quanto mais se conhece o custo desta guerra em sofrimentos actuais, em privações e embaraços nos dias vindouros, tanto menos vontade haverá de falar levemente dos males suportados pela nossa nação e pelas nações nossas aliadas. Porém vale o esforço, acreditei-o. (*Aplausos.*)

Nunca senti tanto orgulho pelo meu paiz como durante aqueles mezes de esforços ardentes em que tivemos não só de nos utilizar pelo melhor a maquina de guerra que possuamos em agosto de 1914, mas tambem de crear e tornar a crear uma nova maquina de guerra que tem ultrapassado todos os feitos e todas as glorias imortais das suas precedentes. (*Aplausos.*) São grandes as calamidades da guerra. Para as conhecer não é preciso imaginação, nem ciencia para as enumerar. Porém, qualquer que seja o total, qualquer que seja o valor que lhe attribuimos, por alto que seja o nível em que as colocamos, todo o horror que a guerra pode

trazer não iguala nem por sombras os males que teríamos que suportar, nós, os nossos filhos, os nossos netos, os nossos bisnetos, se esta guerra tivesse de terminar pela paz alemã.
(Grandes aplausos.)